



PANEGÍRICO AO PADRE SABÉ



João Aguiar*



Pe. Sabé, homem de alma pura e transparente, teve toda a vida pontilhada pela dedicação às minorias, especialmente aos negros e aos desvalidos da vida.

Sempre com um largo sorriso nos olhos, mesmo diante das adversidades que se impunham aos seus deveres e embates contra as injustiças e desmandos dos que se colocam, pela força e pelo poder, ou mesmo frente às dores que dilaceraram seu corpo.

E esse sorriso no rosto germinava de um profundo sentimento oceânico e de solidariedade para com todos, sobretudo para como os miseráveis e os negros, de quem era legítimo representante.

Opcionalmente e radicalmente pobre e celibatário, nada possuía, nada tinha, e nada desejava para si, a não ser a demonstração de uma alma cristalina, desapegada de tudo, até mesmo de seus míseros pertences, também e mais ainda, da proteção da instituição religiosa da qual pertencia por ofício.

Viveu e morreu pobre e muito feliz, deixando como legado seu sempre e eterno sorriso e seu maior atrativo: generosidade e desapego de tudo o que se relaciona ao poder, ao dinheiro, aos prazeres artificiais e fúteis, bem como dos mais simples aos mais exigentes instintos naturais humanos, deixando a vida voar displicentemente, na busca de um quase niilismo existencial e de vorazes tentativas pela justiça e verdade, abdicando, também, de todo e qualquer laivo de autorreferenciamento, mas visceralmente ligado aos miseráveis e deserdados, chegando a um estágio de completa harmonia com a natureza, com a comunidade dos homens e com a Providência.

Por tudo isso, atraía vasta simpatia e um suave fascínio em seus admiradores.

Teve uma feliz compreensão da existência que o tornou admirado por aqueles que dele se aproximaram.



Alessandra Barbieri, Sabé, João Aguiar e família

(*) João Aguiar (Johnny), 70 (67/70) Mora em Tatuí-SP. Professor aposentado. Exerceu o sacerdócio de 1980 a 1983.

CELEBRAR PENTECOSTES



Sigmar Malvezzi*

Recentemente, celebramos o dia de Pentecostes. Há anos, essa celebração enriquece a compreensão e motiva o empenho de geração em geração para a ação missionária no mundo, sem jamais desgastar seu potencial, ou perder sua fertilidade. Celebrar Pentecostes reconfirma nossa aliança com Deus Pai, na qual buscamos a mesma sabedoria e força interior que os apóstolos receberam nos dons do Espírito Santo. Hoje, não obstante a diversidade e facilidades de tecnologias quase "milagrosas", a ação missionária depende desses mesmos dons. As tecnologias instrumentalizam, mas não superam nem envelhecem a ação desses dons. Ano a ano, em cada celebração de Pentecostes, recebemos os mesmos dons, renovamos nossa fé e reavivamos nossa coragem, como os apóstolos naquele dia.

Hoje, a ação missionária não nos desafia pelo temor da coerção externa, como na perseguição aos primeiros cristãos, ou pela oposição agressiva que os apóstolos enfrentaram, até de Saulo, um futuro missionário. Hoje, nossa ação missionária é desafiada em condições que todos validamos, nas facilidades encontradas nas redes sociais e estratégias de comunicação. O imediatismo, abundância e atualização dos recursos disponibilizados nas redes nos fascinam, iludem a liberdade, limitam a reflexão e dificultam a construção de laços sociais. Somos desafiados pelas múltiplas contingências que ofuscam nossa capacidade de perceber, pensar e amar. Mergulhados nessas contingências, a celebração de Pentecostes nos ajuda a compreender o mundo que, hoje, nos é oferecido e nos enche da mesma força interior que moveu os apóstolos naquele dia.

Essa celebração abre nossos olhos para ver as

ovelhas do Senhor e ativa nossa coragem para dialogar com elas, apoiando-as na construção das competências de que necessitam para crescer como sujeitos e escolher a vida na graça. Hoje, os jovens e as crianças querem crescer, aprender e amar, mas não sabem como fazê-lo, ofuscados que são por bombardeios de estímulos e pela cultura do individualismo, que redirecionam suas ações, da produção de bens necessários à vida comunitária para a produção de valores que servem minorias e justificam injustiças. Esse rebanho necessita da sabedoria e da força interior que o Espírito Santo deu aos apóstolos a fim de compreender a sociedade na qual vivem e ter coragem para resistir a sua destruição como sujeitos. Eles buscam discernimento sobre o que aprender, coragem para amar e clareza no que servir.

A superação dessas dificuldades, nas condições das redes, requer um interlocutor para os jovens e as crianças, com quem possam refletir, aprender e conviver. Os dons do Espírito Santo oferecem essa interlocução. Esses dons não estão longe nem são inacessíveis, mas estão ao alcance de nossas mãos para iluminar os jovens e crianças em suas dificuldades para diferenciar o real e o ilusório; aquilo que nos faz crescer e

aquilo que nos escraviza.

Hoje, em nossa ação catequética, encontramos indivíduos debilitados para aprender e para amar. Colocando-nos com eles na interlocução com o Espírito Santo, temos aquela certeza que Iahweh transmitiu aos operários do santuário, quando Moisés ouviu dele: "E o(s) enchi com o espírito de Deus em sabedoria, entendimento e conhecimento para realizar todos os tipos de trabalho (e)... para que façam tudo o que ordenei (Ex 31-3).



(*) Sigmar Malvezzi, 76 (57/59), é psicólogo, professor universitário em S.Paulo-SP, consultor organizacional e conferencista internacional. sigmar@usp.br

"Marcas do que se foi...."



Attilio Brunacci *



Primeiro plano, à esquerda, José Maria Pinheiro e Dermeval. "12 apóstolos" para a cerimônia do lava-pés, ano de 1952.

Alguém me contou, já faz bastante tempo, que um certo ibateano, após desistir dos estudos do seminário, formou um conjunto musical - uma banda, como se diz hoje - cujas músicas fizeram sucesso nos tempos da Jovem Guarda, meados de 1960, por aí. Claro que acreditei nessa história. Tudo é possível quando se trata de (boas) notícias sobre alunos ou ex-alunos do Ibaté. Afinal, pelo Seminário de São Roque passaram até seminaristas futuros padres e bispos!

Noutro dia, revendo amareladas fotos de São Roque das décadas de 1950/1960, brotou em mim uma enorme curiosidade de descobrir a veracidade da informação sobre esse conjunto musical. Então, fui no Google esse - meu amigo "quebra galho" - pesquisar sucessos musicais dos tempos dos festivais da antiga TV Record e da Jovem Guarda. Aliás, o nosso saudoso Seminário encerrou suas atividades no ano de 1973; com toda a certeza, os seminaristas daqueles tempos conheciam o movimento da Jovem Guarda e as músicas de inúmeras bandas juvenis que estavam na crista da onda dos programas das TVs.

Em seguida, fui garimpar o nome dos músicos da Jovem Guarda e cotejar com a lista de nomes de todos os ex-alunos que estudaram no Ibaté. Eureka! Descobri a verdade! Um dos músicos era, realmente, o ibateano **Demerval Teixeira Rodrigues**, colega nosso entre 1952 e 1953. Era de Presidente Epitácio-SP. Depois de São Roque, estudou

na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, mas abandonou os estudos para dedicar-se à música. **Neno**, esse era seu nome artístico, pertenceu ao conjunto de Rock dos anos 60. O grupo surgiu em 1963. Foi o primeiro baixo elétrico da banda "The Clevers" que, mais tarde, tornou-se "Os Incríveis". De igual modo, fez parte do conjunto "The Jordans". Em 1964 "Os Incríveis" foram para a Itália para acompanhar a cantora Rita Pavoni em excursão pela Europa. Neno esteve também com os Beatles na Inglaterra.

Bons tempos aqueles, quando - felizmente - ainda não existiam o baile funk e o "mavioso" pancadão, hoje, na contramão de ritmos e letras que, num passado recente, conduziam a juventude a enaltecer e viver a "paz e amor". Eram melodias que serviam de estímulo e um convite à afabilidade!

"Os Incríveis" e algumas de suas músicas de maior sucesso nos saudosos tempos da Jovem Guarda:

Marcos que se foi, Capeta em forma de guri, Era um garoto que como eu, Ritmo da chuva, O vagabundo, Isto é a felicidade, In ginocchio da te.

Demerval, aos 74 anos de idade, foi para a "Casa do Pai" no dia 3 de dezembro de 2014. Uma perda, uma lástima.

O jornal Folha de S. Paulo, dia 12 de dezembro de 2014, registra: **Neno "Fez sucesso com bandas da Jovem Guarda"**. Nesse mesmo jornal, as palavras de sua filha Patty: ***"Ele era quieto, bem-humorado em seus comentários e positivo quando precisava lidar com a adversidade. Preferia viver da melhor maneira possível o presente, sem se preocupar com o futuro"***.

Este artigo é uma singela homenagem póstuma ao artista e

vocalista Neno, o ex-aluno do Ibaté Demerval Teixeira Rodrigues.

Este ano eu quero paz no meu coração.

Quem quiser ser meu amigo que me dê a mão.

Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter.

Como todo dia nasce novo em cada amanhecer.



Primeiro plano, lado esquerdo, Dermeval (agachado) junto com outros ibateanos, dia de festa, 1953

(*) Attilio Brunacci, 82 (49/55) Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: "Grazie Tante", autobiografia, "São Paulo na Frente pelo Trabalho" e "Cetesb": 25 anos". Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. atiliobrunacci@gmail.com

VIDA ARTISTICA DO NENO



Dermeval e John Lennon.
Um memorável encontro dos Os Incríveis com os Beatles
num restaurante londrino em 1967



Dermeval em 1978, com 38 anos de idade.



DERMEVAL R. TEIXEIRA (Neno)

DERMEVAL R. TEIXEIRA (Neno), nasceu em Presidente Epitácio, dia 15 de Junho de 1940. Estudou Direito. Toca pistão, guitarra e contra-baixo.
Seu time: Palmeiras. Seu Prato: Vatapá
Seus Artistas: Jean Simon e Burt Lancaster

OS INCRÍVEIS VOL. 2

THE CLEVERS

THE CLEVERS - OS INCRÍVEIS Aguardem em casa, pois os membros da banda The Clevers, a banda que mais produziram um hit, estão chegando ao Brasil.

Apresentam: cinco novos arranjos para os seus mais famosos hits, com o toque de Dermeval R. Teixeira, o mais famoso brasileiro de música rock, e os seus amigos, os membros da banda The Clevers, a banda que mais produziram um hit, estão chegando ao Brasil.

com o seu novo hit: "Já está aqui", o primeiro de uma série de hits.

Face A

1. MICHAEL - Baby Galy (Dermeval R. Teixeira - Dermeval R. Teixeira)
2. LOIYA YÁ YÁ - Baby Galy (Dermeval R. Teixeira - Dermeval R. Teixeira)
3. SAMBURI SAMBURI - Twist (Dermeval R. Teixeira - Dermeval R. Teixeira)
4. AMÉRICA - Baby (Dermeval R. Teixeira - Dermeval R. Teixeira)
5. CLEVERS SURF - Baby (Dermeval R. Teixeira - Dermeval R. Teixeira)
6. SE MI VDOT LASCIARE (Dermeval R. Teixeira - Dermeval R. Teixeira)

Face B

1. TANGACCIO - Tangaccio (Dermeval R. Teixeira - Dermeval R. Teixeira)
2. VERENO - Baby Galy (Dermeval R. Teixeira - Dermeval R. Teixeira)
3. TWISTIN' TWIST - Twist (Dermeval R. Teixeira - Dermeval R. Teixeira)
4. OVER THE MOUNTAIN ACROSS THE SEA (Dermeval R. Teixeira - Dermeval R. Teixeira)
5. STOLIDO - Baby Galy (Dermeval R. Teixeira - Dermeval R. Teixeira)
6. MEMMA DOS SCHIOS MISS - Baby (Dermeval R. Teixeira - Dermeval R. Teixeira)

GRAVACOES ELÉTRICAS S. A. - Avenida do Estado, 4567 - 2º - São Paulo - Brasil

Pirapora Matrix

Capítulo II



Seminário de Pirapora do Bom Jesus

PIRAPORA DO BOM JESUS

O FAMOSO CENTRO DE PERIGRINAÇÃO AO SANTUÁRIO DO BOM JESUS

ANTÔNIO JURANDYR AMADI¹

Pirapora, situada à margem do Tietê e entre os morros da Serra do Japi, era um local abaixo de Parnaíba, no sentido do fluxo das águas, assim chamado pelos indígenas em virtude do salto ali existente onde, na piracema, os peixes saltavam a caminho das cabeceiras do rio, para a desova. Embora em priscas eras, a região compreendesse as propriedades de Manuel de Alvarenga, Mateus Luiz Grou e Jácome Nunes, sesmarias a eles concedidas em 1625 pelo Conde de Monsanto, apenas o bandeirante Jácome Nunes morava em Pirapora.

Sua propriedade nos inícios do século XVIII pertencia, por herança, ao casal José de Almeida Naves e Maria de Araújo que ali residiam e desenvolviam sua propriedade agrícola. Em 1725², à margem do Tietê, onde se localiza atualmente o centro histórico de Pirapora, a família Naves encontrou uma imagem de madeira de Jesus - *Ecce Homo* - que, recolhida, em virtude dos fatos extraordinários que a cercaram, passou a ser venerada pelos moradores locais e depois por pessoas das localidades vizinhas.

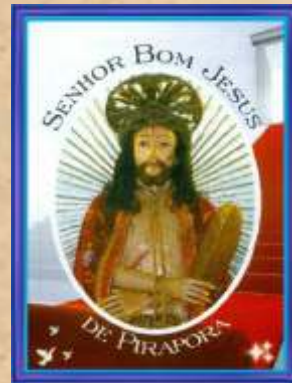
Almeida Neves construiu-lhe uma capela, inaugurada em 1730, que se tornou o ponto de romaria pelos inúmeros relatos de milagres veiculados boca a boca. Essa capela teve, desde o início,

¹ Antônio Jurandyr Amadi – Engenheiro e Pesquisador. Ex-aluno dos Seminários de Pirapora (turma de 1948) e de São Roque (1951/57)

² Contesto que a data seja 1725. Parece-me o correto 1723, visto que Almeida Naves requereu em 1725 ao Cabido Fluminense a autorização para erigir a capela e, em maio desse mesmo ano, recebeu a autorização daquele órgão da Igreja. Basta considerar a distância entre Pirapora e Rio de Janeiro, a não facilidade dos trâmites burocráticos e a dificuldade naqueles tempos remotos de chegar-se até lá, para não aceitar a data de 1725.

acréscimos e remodelações voltadas a sua manutenção e melhor atendimento ao constante crescimento de peregrinos que a visitavam, mas em princípio ainda conserva grande parte de sua estrutura de 1793.

A intensidade de grandes romarias fez com que o lugarejo crescesse para receber mais condignamente os fiéis, máxime na festa do Padroeiro, no dia 6 de agosto. Até os acadêmicos de direito do Largo de São Francisco freqüentavam-na religiosamente. Por ali passou Saint-Hilaire e Hércules Florence, que a retratou.



A capela, elevada a Santuário em 1887 pelo bispo diocesano de São Paulo, D. Lino Deodato de Carvalho, e depois a paróquia, em 28 de dezembro de 1897, por D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, era até então administrada pela Matriz de Santana de Parnaíba. O primeiro vigário de Pirapora foi o cônego premonstratense belga Vicente van Tongel.

Em 1892, Pirapora foi elevada a vila e, em 1º de janeiro de 1960, transformava-se no Município de Pirapora do Bom Jesus, sendo seu primeiro prefeito o Sr. Antônio dos Santos Brito, ex-aluno do Seminário de Pirapora.

Em seu centro histórico de casas baixas e humildes de taipa e depois na colina situada atrás do Santuário em que os romeiros antigamente montavam suas tendas, a Ordem Premonstratense se estabeleceria, em prédio que lhes seria residência e seminário.

O local, escolhido a dedo por D. Arcoverde, tinha como motivo: o clima de amenidade constante, sua tranquilidade bucólica, a elevada religiosidade e a beleza do cenário.

NA CASA DO PAI



Roberto Pauletti



Silvano Amstalden



Pe. Sabé.

- Faleceu em 2017, aos 81 anos, o colega ibateano Rudnei Urizzi Garcia (49/51).
- Faleceu em 11.02.2018, aos 83 anos, o colega ibateano Roberto Pauletti (49/51). Ele, também, estudou no Seminário de Pirapora, antes de ir para São Roque em 1949. Era assíduo participante de nossos encontros bi-anuais.
- Faleceu em 28.04.2018, aos 93 anos de idade, Silvano Amstalden, pai dos colegas ibateanos Domingos Sávio Amstalden, João Bosco Amstalden e Luiz Gonzaga Amstalden. Era, também, irmão de Dom Constantino Amstalden, nosso Reitor e Ministro da Disciplina no Ibaté.
- Faleceu em 19.05.2018, aos 65 anos, o colega ibateano Pe. Wilson de Oliveira Salles (67/70), mais conhecido como Pe. Sabé. Vide homenagens ao Pe. Sabé nas páginas, 1, 12, 16, 17 e 18.

POLÍTICA ou LEMBRANÇAS POLÍTICAS?



Joaquim Barbosa de Oliveira (Joaquinzão)*

Fui convidado - na verdade, quase obrigado - a escrever algo sobre a política do Brasil atual. Que droga, não! Corrupção, Corrupção, Corrupção... O Presidente anda à frente, um ex-presidente está preso, um ministro possibilitou a mudança de velho ditado de “rico pra dedeu” para “rico pra Gedel”. A Lava Jato não consegue dar conta dos inquéritos que estão sob sua averiguação. Não dá tesão falar em política e muito menos de tecer considerações sobre o ódio que hoje divide a direita e a esquerda.

Melhor escrever algo mais leve, ligado ao Seminário, da época em que lá forjávamos nosso caráter e alguns poucos consolidavam sua vocação.

Lá vai a lembrança ou talvez a lambança:

Era o ano de 1955 quando ocorreu a eleição para a qual concorriam à presidência Juscelino Kubitschek, Juarez Távora, Ademar de Barros e Plínio Salgado.

No Seminário de então existiam alguns eleitores que votariam naquela eleição. Entre eles este escriba. Obviamente, coube aos padres superiores indicar-nos o candidato a ser votado. Nós não entendíamos nada de política. O único que comentava algumas coisas conosco nas aulas era o Pe. Constantino que, lacerdista ferrenho, desancava Getúlio Vargas, aliás, morto antes da eleição.

Quando eu penso que votei no indicado, sinto náuseas. Numa reunião na véspera de irmos a São Roque para votar, o Monsenhor Luiz Gonzaga, então reitor, anunciou o nome do candidato: Plínio Salgado, “que fundou e liderou a Ação Integralista Brasileira (AIB), partido de extrema-direita inspirado nos princípios do movimento fascista italiano.” (Google). Que lástima!

Soube depois que o Pe. Tarcísio, o professor de grego, votou no eleito (uhlala): Juscelino Kubitschek.

Que me desculpe algum eventual salgadista.

* JOAQUIM BARBOSA DE OLIVEIRA, o Joaquinzão, 82, ex-aluno de Pirapora, turma de 1948 e de São Roque, um dos pioneiros, (1949-1955). Advoga em São Paulo joaquim@jboadvocacia.com.br



AMIGO DO IBATÉ

Para sua facilidade anote os diversos links, onde poderá se deliciar revendo as fotos dos nossos três últimos encontros ou escolher uma das edições do nosso ECHUS DO IBATÉ, da edição de número 1 até a última de número 154:

FOTOS XI ENCONTRO <https://www.flickr.com/photos/73582934@N08/sets/72157635493559385/>

FOTOS XII ENCONTRO <https://goo.gl/photos/DCQCS9bMtPzr3Lp67>

FOTOS XIII ENCONTRO <https://goo.gl/photos/rCwQEbLeseCeVshL9>

EDIÇÕES ECHUS [HTTP://177.103.223.197/Echusdolbate/](http://177.103.223.197/Echusdolbate/)



Em São Roque tem Seminário/Ibaté-formação,
Saboó, diversão, e agora,
Don Patto, que está de portas abertas
para recebê-los com um delicioso almoço
e um dia incrível de atrações.

- Culinária Portuguesa e Italiana -

Estrada do Vinho, km 2,5 – São Roque-SP
(11) 4711-3001
www.viladonpatto.com.br



Uma viagem à mais pura obra das civilizações: O Vinho

Foi perfeita e muito elegante a noite de autógrafos pelo lançamento de UMA BIBLIOTECA VINÁRIA. Trata-se da apresentação da grande biblioteca de mais de trinta anos de buscas, pertencente ao engenheiro argentino, o Sr. Juan Carlos Reppucci, consagrada a um único tema, O Vinho, sua história e seus sabores; seus pormenores e segredos. A Editora Dialeto caprichou nesse empreendimento: são 144 páginas luxuosamente ilustradas pelo fotógrafo e documentarista Renato Dutra e os textos, nada mais, nada menos de que do amigo ibateano Cláudio Giordano. A tradução para o inglês é de Richard Pedicini, já que a edição é bilíngue. Estivemos presentes ao evento, testemunhando essa noite de amizade, e todos nos regalamos com enorme prazer estético: a beleza deste livro é grandiosa e agrada a todos os sentidos. Noite de gala. A alegria das pessoas, o vinho oferecido e seus acepipes ultrapassaram todas as expectativas.

Parabéns a todos os forjadores dessa obra, e ao Giordano em especial, a quem agradecemos o privilégio de degustar o encanto de suas produções literárias. Seu texto é magistral.



Antônio Correa - Joaquim Benedicto de Oliveira - Cláudio Giordano - Wilson Mosca



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

Deus



Eu me lembro! eu me lembro! Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia
E erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca espuma para o céu sereno

E eu disse a minha mãe nesse momento:
"Que dura orquestra! Que furor insano!
"Que pode haver maior do que o oceano,
Ou que seja mais forte do que o vento?!"

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os céus
E respondeu: "Um Ser que nós não vemos
É maior do que o mar que nós tememos,
Mais forte que o tufão! Meu filho, é - Deus!"

TRISTE BRASÍLIA

Deve haver novo poeta, novo Gregório de Matos,
armado de alfa a zeta para acabar com esses ratos
que invadiram Brasília e conspurcaram o país,
e da noite pra luz do dia, tornaram-na meretriz.
Ficou mais triste, Brasília, no alto do tal planalto,
rompida e fora da trilha, tomada que foi de assalto
por bandidos do Congresso, da câmara e do senado,
adeptos do retrocesso e sugadores do Estado.
Vivem em conluio e tramoia, junto com o Judiciário,
à sombra da paranoia da TV e do diário.
Usam a seu bel prazer as leis e a Constituição.
O que vale para prender não vale pra todos não.
O STF falido, de supremo virou ínfimo,
deixa o país combalido em jogo sujo, não lidimo.
É país do quebra-galho e de interesses espúrios,
de políticos bandalhos e de odientos conúbios.
E o povo aparvalhado a tudo assiste calado,
pela Globo anestesiado em JN safado.
Quando acordar será tarde, se é que isso aconteça.

Talvez nem memória guarde e dos trambiques se esqueça.
De sofrer muito se cansa e vai tudo para as calendas
no carnaval e na dança e o trágico se torna lenda.
E essa história se perde na deficiente memória
de um povo fraco e inerte, sem lutas e sem vitórias.
Pra que gritar? Nada muda! Eleição? Só no papel!
Qualquer mentira ajuda nas mazelas do bordel.
Foi Brasília conspurcada, precisa de assepsia,
deste tumor lancetada pra sair dessa anomia.
Com gritaria e protestos, com votos da galeria,
de cidadãos mais honestos, do centro e periferia
E estancar a insanidade, cobrar mais reparação,
reaver a dignidade e levantar a nação.
Brasília deteriorada, o país tê repudia,
ver-te suja e emporcalhada por política sandia.
Joga fora essa cambada de safados detratores,
Escorraça tal manada de imbecis falsos doutores.
Ergue o punho, ó Brasília, destrona essa quadrilha,
ó triste e desfigurada, pra não mais ser ultrajada.

VALDEVINO SOARES DE OLIVEIRA



Somos hoje uma multidão à procura de nós mesmos. Estamos fechados num armário de aço ideológico e procuramos uma saída para nosso desespero. Parece que é um fim-de-semana perene e queremos todos descer à praia grande. Mas é tanto carro que as autoridades que sacanamente tomaram o poder decidiram que todo mundo deve descer à praia a pé. Nossa obediência se tornou, então, um exercício de Zé Batatão: faz tudo que seu mestre manda. E a multidão não descobriu ainda que não tem saída. O vai-vem do desce-sobe virou rotina tão poderosa que não nos incomodamos mais de ficar sem comer e pensar. Automatizamos nossos movimentos de ir e vir: assim, quando chegamos ao pé da praia, acabou o fim-de-semana. E retomamos o caminho da volta para o trabalho semanal. E aí parece que tudo se transformou num parafuso: quando chegamos novamente ao planalto já é outra vez fim-de-semana e então retomamos a ida à praia.

Acostumamos, assim, a permanecer ora nos túneis sem ar, ora nos espaços ao ar livre, num perpétuo jogo respira-sufoca, desce-sobe sem parar, a meio passo por hora. A única consciência que temos é a de querer chegar à grande praia e, de lá chegando, voltar imediatamente para nossos postos de trabalho.

Alguns aspectos dessa eterna viagem dão a descrição do que, afinal, nos tornamos. Assim é que já não temos mais nomes próprios. Toda a multidão é sacanamente classificada apenas por dois apelidos, derivados ambos da movimentação política dos últimos tempos: coxinhas e mortadelas.. Dois nomes retirados da maneira de nos alimentarmos nos tempos em que podíamos protestar contra alguma coisa. Mas o diabo é que estamos uns grudados nos outros, formamos a própria multidão abraçada no rancor em que se transformou nossa existência. Mas isso não aconteceu assim de repente. Houve um trabalho planejado e

executado por forças que esbanjam poder de fogo quando se sentem incomodadas.

A cada intervalo entre um túnel e outro de nossas andanças, a multidão é atormentada por helicópteros e jatinhos que se destinam ao litoral norte ou sul. Enquanto os jatinhos são apenas um assobio, que mais parece uma vaia contra a multidão, os helicópteros param por sobre as cabeças do povo, alimentando o ódio de todos contra todos. Era quando o céu se abria e, com trombetas dignas de um apocalipse, anjos finalmente vestidos de acordo com a moda amarela mais recente gritavam: “Fora Dilma, Lula iupetê”.

A multidão se assanhava em uivos histéricos, uns mostrando seu desconforto com a barulheira vinda do alto e outros repetindo o clichê angelical: “Fora Dilma, Lula iupetê”. A alguns dos mortadelas incomodava o final da estribilho: “iupetê”. Que diabos seria mesmo esse tal de “iupetê”? Lu seria inglês? E “petê” seria mesmo o nome do partido no governo há treze anos ou uma abreviação de “peteca”, alusão óbvia à ação de quem joga a multidão pra cá e pra lá? Afinal, objeto de ação malévola e perpetuada por treze intermináveis anos que incomodaram por demais as

elites angelicais e voadoras daqueles céus?

De repente, não tanto mais que de repente, a direção do vento mudou: o novo chefe, apelidado de Vampiro, passou a atormentar a todos, coxinhas e mortadelas, que deixaram de assim se reconhecerem. A desgraça de todos aumentou, já são um milhão, segundo estudo do Bradesco, que desceram das classes A e B para a C e o desce-sobe permanece cada vez mais irritante. E os únicos que riem e aplaudem a multidão são os que sobrevoam a serra de jatinho e de helicóptero.

Até que uma simples escola de samba filmou, com poderosas lentes, os fios invisíveis que desciam dos jatinhos e dos helicópteros. Somos todos Zé Batatão?



(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 80 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP joka.oliveira@uol.com.br

PARÓQUIA DAS TROVAS

Aventura é do poeta,
que por caminhos diversos,
quando em busca de sua meta,
mito diz em poucos versos.

Até parece achincalho,
bem difícil de explicar,
quando é Dia do Trabalho,
Não vai ninguém trabalhar.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

Nada existe que mais baixo
nos assuntos nacionais:
a Política, um esculacho;
os partidos, muito mais!

Por favor, que tenho nojo
de político impudico,
de um Supremo, cujo arrojo
Faz-me o ouvido de pinico.

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Lágrima da natureza
o orvalho brilhando ao sol,
jamais reflete tristeza
mas o esplendor do arrebol.

As lágrimas são de dor,
os risos de alegria,
mas há lágrimas de amor
também risos de agonia.

Alfredo Barbieri (49/53)

Lá não há norte nem sul,
nem tem cor, o céu profundo,
mas do espaço a Terra é azul,
como se azul fosse o mundo...

Há neste mundo uma algema
que a gente não quer partida,
aquela que à hora extrema
ainda nos prende à vida.

Jaime Pina da Silveira (52/58)

Ex-aluno do Colégio São José
Pouso Alegre-MG - Padres Pavonianos.

No país do faz-de-conta
enganar é lei geral.
Ser ladrão, já não espanta;
Desonesto, é até normal!

**Alberto Pimenta de Oliveira-
Pipinudo (53/58)**

**Envie-nos você
também a sua trova**



A mim a imagem dos meus pecados me comove muito mais
que essa imagem do Cristo crucificado.
Diante dessa imagem do Cristo crucificado, sou levado a
ensoberbecer-me por ver o preço pelo qual me vendi.
Por ver que Deus me compra com todo o seu sangue, sou
levado a pensar que sou muito, que eu valho muito.
Mas quando noto que me vendo pelos nada do mundo, aí
vejo que nada sou que nada valho.

Padre Antônio Vieira

Sermão do 4º Domingo da Ascensão (trecho)





Aquele rosto

Em fundos do tempo
aquele rosto
anunciava Isaías:
Desfigurado
aparência de homem perdida
desprezado e repellido
homem de dores
Maltratado
não abriu a boca
arrancado do meio entre vivos
contado entre malfeitores
deu à morte a vida
inteiramente.

Ensanguentado
que tudo se entregou,
rosto,
único poder de nosso Deus
o amor desarmado.

AUGUSTO JOSÉ CHIAVEGATO, 83, Ex.aluno do Seminário do Ipiranga 54/57 - Jornalista, poeta, professor, filósofo, teólogo. Por muitos anos lecionou no Seminário Central e na Puc-SP. Hoje está aposentado e mora em S.Paulo. (11) 3873.1115 augustochiavegato@globo.com

A SUA BÊNÇÃO, PADRE SABÉ!!!

2005. 19 de novembro. Grande encontro em Helvetia, onde nos acolheu os Amstaldens, para mais um certame do eterno confronto entre Galo de Ouro & Leão de São Marcos. Ao lado do Pe. Sabé (1967-70) está o ibateano José Ranulfo da Silva (1969-73), ambos fase de aquecimento para a peleja.

JG
Pinheiro
ADVOCACIA

José Gomes Pinheiro

OAB/SP 36.636

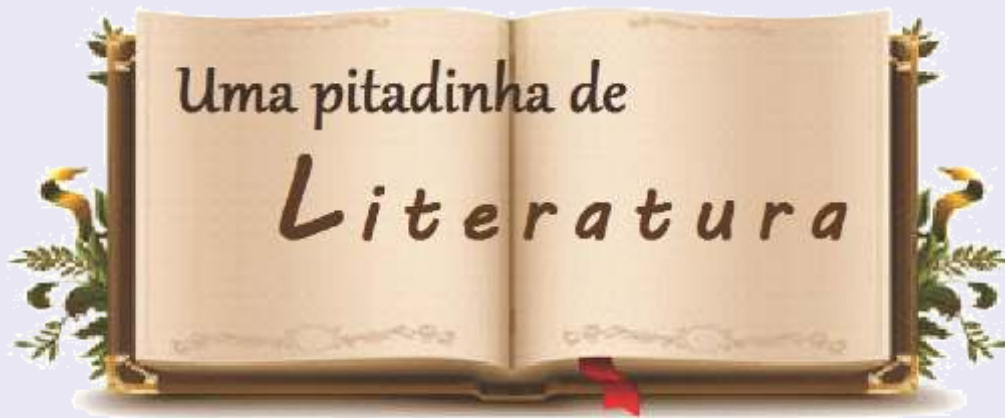
Advocacia Cível e Criminal

Rua Tabatinguera, 140 - 12º Andar - Cj. 1215

São Paulo/SP (Próximo ao Metrô Sé)

E-mail: jgpinheiro@aasp.org.br

Tel: (11) 3115-2733



Mestre em Biblioteconomia e Ciência da Informação, áreas em que atuou durante anos seguidos em várias empresas, e também professora de Português, Língua e Literatura Inglesas, Maria de Lourdes Camelo, esposa de nosso querido ibateano Getulino do Espírito Santo Maciel (1957-60) - inaugurando aqui este espaço e dessa forma abrindo portas às várias esposas e amigos da Turma do Ibaté, que queiram divulgar seus escritos - atuou como docente dos cursos de Letras e Biblioteconomia e também como coordenadora do núcleo de Pós-Graduação nas Faculdades integradas Teresa D'Ávila (Fatea)na cidade de Lorena-SP dedica-se nos dias de hoje,aposentada que está, a desenvolver cada vez mais um de seus belos dons: escrever.

Para nossos leitores, apresentamos essa tão delicada e sublime crônica "A Cerzideira". Retirada de seu livro em parceria com o Dr. Getulino, "COMUNHÃO", em que ambos nos guiam numa viagem que vai ao fundo de nossas almas. Em linguagem simples e direta, é uma literatura encantada que transcende a concretude dos objetos e transmite o espanto que há em todo espírito aberto e desarmado frente às experiências da vida. Lançado em 2017, o livro pode adquirido pelo telefone 12-3152.5037 ou pelo e-mail louget.@uol.com.br

A Cerzideira

Maria de Lourdes Camelo

Há quase cem anos, Maria das Neves abria as janelas coloniais e contemplava o vale florido. Sem que adivinhasse, fincava, em solo mineiro, o destino de uma família. quando se fala dela, a boca tem mel. Quando se pensa nela, repousa-se. quando se reza por ela, plantam-se as esperanças.

Boa vista, distrito de Mariana, foi seu universo. Ali bordou crivos e pontos de cruz. Cerziu roupas e vidas. Teceu mantas e toalhas, fiel ao gesto milenar de quem espera e confia. De sua casa se avistava, numa encosta, o pequeno cemitério onde estavam seus pais e avós. Por perto, alguns regatos de águas claras. Ao redor, brincos de princesa, parreiras de uva, uma horta, galinhas soltas. Majestosamente, no quintal, um pé de jatobá. Teve três filhas e um filho. Não chegou a envelhecer. Muito cedo, deixou apenas seus rastros de luz.

Ainda hoje, quando penso nos relatos de família, perco-me no devaneio. Uns diziam que era com uma manhã de outono; outros que tinha mãos de fada e os mais próximos lembravam-se da nobreza de sua alma.

Quanto à sua vida, conheceu-se o trivial, o tangível; poucos souberam dos pequenos gestos, das sutilezas, da força de seu espírito.

Bem cedo precisou assumir a casa, depois da viuvez. Aprimorou-se na arte de cerzir e ficou conhecida nas redondezas. Tinha mãos mágicas. As roupas voltavam perfeitas e restauradas. Não se achavam vestígios do estrato, pois, ela sempre usava a linha certa, no ponto certo. Havia arte em seu trabalho e em tudo que fazia. Esta foi a face conhecida.

Mas, para os mais íntimos, Maria das Neves não escondia alguns projetos. E duas eram suas prioridades. Já há algum tempo, mantinha em sua casa, num quarto limpo e arejado, sua irmã mais nova que chegara doente com o corpo em feridas. Maria das Neves com o coração cheio de amor. Cuidou das feridas com zelo de mãe. Lavava uma por uma, fazia chás de picão e

camomila. Refrescava o corpo de sua irmã com folhas de bonina e, à noite, servia sopa de inhame. Ouviu seu choro, acalentou seu sono, ensinou-lhe a bordar, à sombra das parreiras. Restaurou Nenzinha para o trabalho e para o amor.

Guardou o segredo da irmã. Só ela sabia da paixão pelo viajante de armarinhos que nunca mais voltou. Inexplicavelmente, depois de curada, Nenzinha exalava perfume suave de sândalo que atraía pessoas, até mesmo as que antes a evitavam.

Mas, o projeto mais audacioso foi uma toalha de mesa, grande, de puro linho dos Açores. Minuciosamente planejada! Delicadamente sonhada! Cenas domésticas compunham o desenho: um vale florido, bangalôs, bichos e crianças saltitantes. Pensaríamos: inspiração divina? Profecia? Sabedoria de mãe?

Diziam que era visível o prazer daquela hora em que todas as tardes, de frente para o vale florido, Maria das Neves ajeitava o linho branco no bastidor e perfumava-o como se preparasse a terra para o plantio. Muitos e muitos meses, para transformar aquela estimada peça portuguesa, trazida pelos pais, em obra de arte.

Depois de pronta, lavada, engomada e passada, fez-se uma reunião de família, na sala de jantar, com muitos bolos, tarecos, café e pão de queijo. Maria das Neves, pela primeira vez, pedia que lhe fizessem uma vontade.

Abriu a bela toalha e expôs o seu desejo: "Esta toalha é para vocês. O primeiro que se casar deverá levá-la consigo. Quando for a vez do segundo, deverá ir para ele e assim por diante. Meu desejo é que ela visite todas as casas, como se faz com os santos".



O desejo foi cumprido por várias gerações. De muitas formas a toalha foi exibida e cobiçada por sua beleza. cobriu muitos altares em missas solenes, reverenciou o Santíssimo Sacramento, de muitas janelas, cobriu mesas de aniversários e jantares formais. Testemunhou todas as emoções familiares.

Se fosse gente, dir-se-ia que era a mais feliz das criaturas. Humanizou-se sem o saber. Afinal, representava um projeto de amor!

Como a percepção varia como variam os seres humanos, a bela toalha, em algum ponto de sua existência, sofreu as avarias do tempo e caiu em mãos insensíveis. Para nada mais serviu. Chegou a ser usada, dobrada ao meio, num almoço improvisado, foi emprestada para formaturas, voltou suja de vinho e tinta de caneta, amontoada com outros trapos. Assim, desapareceu do meio humano e familiar. Maria das Neves morria ali!

Certo dia, pela providência divina, fui chamada para abrir uns sacos de roupas que iriam para o lixo. A velha empregada, de profundos sentimentos, sabia que os ares eram outros, que não mais contavam o passado e a memória. Eis que me deparo com a bela toalha de Maria das Neves, minha bisavó! Extasiei-me. Ela entraria em minha casa, definitivamente.

Repetindo o gesto quase secular, lavei, alvejei, engomei e passei a toalha como num ritual sagrado.

Hoje, com toda a minha família, ao redor da mesa, inauguro um novo tempo. Com a melhor louça, brindo à saúde de todos!

Impecável, a toalha de crivo, cuidadosamente estendida, compartilha de nossa alegria.

À cabeceira, minha filha mais nova acaricia o bordado e esboça um sorriso, entretida.

Estará ela adivinhando um vale florido?

Para-choque do Caminhão do Ubaté

**Errar é humano,
tropeçar é comum
e ser capaz de rir de
si mesmo é grandeza.**



ROSAS DECLINADAS

DECLINAÇÃO DA ROSA

A rosa vermelha tem
nome de rosa.
E para a Rosa com amor
uma rosa branca levou.
Ó tão perfumada rosa
que só na Rosa encontrou!
É a declinação de rosa
um poema concreto?

POR CAUSA DE UMA ROSA

Há dois anos quiçá, em plena vida,
mais que rubro surgia um botão de rosa,
uma flor ostensiva e orgulhosa,
procurando mostrar-se e ser querida...

Era impossível passar despercebida,
orvalhada ao nascente e toda prosa,
sorridente, feliz, ao sol dengosa,
de amor e beleza extreme vida.

Ousado, relutei transpô-la a um vaso...
Amiúde tentei não dar-lhe caso
e, em decliná-la, poder deixá-la assim

Um dia porém chegou... Sem mais atraso,
querendo-a todinha em meu jardim,
rompi os tabus!... Colhi-a para mim!



Valdevino Soares de Oliveira, 1959-63

Antônio Jurandyr Amadi, 1951-57

CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS

Prezado leitor, ocupe plenamente este espaço.

Dê mais vida ao Echus do Ibaté!

Ele é reservado para sua participação.

Envie-nos suas sugestões, comentários e críticas.

Todos queremos conhecer seu ponto de vista.

PHOTANTIQUA



1967 - Início das aulas. Turma nova no primeiro ano lotando o estudão. Eis os nomes de alguns desses novatos: Adalberto Cesário Alquoti - Adalberto Martins - Adalberto Valeriano de Barros Filho - Antônio Aldo Fogaça - Antônio da Aparecida Simões Cuccio - Araldo José Ravera Papa - Carlos Alberto Pavão - Cláudio Coelho de Lima - Clóvis Almeida Mariano - Danny Robert Boarini - David Freitas Marques - Dimas Ribeiro - Djalma Tadeu Moura de Carvalho - Donivaldo Pedro Martins - Edinaldo Francisco de Farias - Fellippo Antônio Geraldo Rossi - Geraldo Magela Veras - Gilberto Gonzaga Pereira - Hilário Pereira de Moura - João Aguiar - Jorge kiyei Toyama - Jorge Rodrigues de Matos - José Carlos Barbosa - José Carlos dos Santos - José Cavalcanti Braga - José Eduardo Matuck - Luiz Carlos Gonzaga Pereira - Luiz David Carlessi - Luiz Gonzaga Rodrigues - Márcio Pereira da Silva - Marco Antônio de Oliveira - Marco Antônio Fiorin - Mário Alberto Lúcio Valente - Miguel Carlos Gama - Moysés Francisco de Oliveira - Orlando Biaggio - Osvaldo de Ângelis - Paulo Ricardo Zuchelli - Ronaldo Luca Machado - Rubens Alves de Oliveira - Rubens Biazzi - Salvador Rosário José di Bonito - Wilson de Oliveira Salles.

Começando a primeira, de Geografia. Uma

delícia a farra naquele fundão, mas o professor chega - nada intimidado por ser o primeiro contato com aqueles meninos - e acelerado, não se importando tanto com a balbúrdia, traz seu sorriso largo e franco, o que enche a sala de alegria e inspira a confiança de todos, que se aquietam. Assim era o Padre Wilson Bertoletti de Araújo, um ex-aluno do Seminário, aliás, um dos mais famosos de sua turma, 1954, que sempre conquistou o coração de todos com a fatura de seu bom humor e enorme simplicidade. Ele tinha um apelido muito interessante, "Vó", que nasceu entre seus pares em virtude de sua idade: entrou no seminário com 21 anos de idade.

Tudo inicia com a chamada dos alunos, um a um, em ordem alfabética: Adalberto Cesário Alquoti: "Presente!", Adalberto Martins: "Presente!". O mestre fixa seus olhos pela primeira vez, "olho no olho", para conhecê-los. E assim vai até que chegue no último nome da lista: "Wilson de Oliveira...". Estava ali escrito Wilson de Oliveira Salles, mas o Padre Vó leu em voz alta o que lhe foi possível de entender: Wilson de Oliveira Sabé, e aquele menino de treze anos piedosa e timidamente respondeu o seu "Presente!" em meio a uma grande algazarra que naquele instante se iniciou. "Sabé!", gritavam todos eufóricos.

Foi assim o 'batismo' desse garoto - ordenado presbítero em 1980 - e que, desde então e até na eternidade, passou a ser chamado e conhecido por todos como PADRE SABÉ.

(Fotografia do acervo de Djalma Augusto Medeiros)





Marcio Paçoca *

...Fala Mano.

Sempre foi assim que nos cumprimentávamos. Sempre com sentimento de querer saber como estava o parceiro. Sim parceiro. Nós temos pais, irmãos, esposas, companheiros, tudo isso é ótimo. Mas parceiro é diferente, tão diferente que não se explica, parceiro não cobra, não enche o saco, porque se encher ou pisar na bola, o outro não liga. Parceiro dá risada junto e cada um na sua. Sabé era parceiro, não pedia cigarro, simplesmente, pegava no meu maço.

1967

Foi quando nos conhecemos no final de janeiro. No Ibaté ficamos por uma semana como um espécie de preparação e retornamos para casa. Alguns dias depois iniciamos a primeira série do ginásio. O **Sabé** já demonstrava um jeito meio “sempre na dele”, um acanhamento sutil. Fisicamente já era maior do que a maioria dos piralhos, tanto é que não demorou muito para passar para os Médios e por isso discretamente se gabava. Ainda mais, se gabava, também, em contar que tinha frequentado no ano anterior (1966) o famoso Seminarinho sob as ordens do famoso Monsenhor Pavésio. A turma então dava crédito para o **Sabé**, até porque era um cara legal.

POR QUE O APELIDO SABÉ

Depois de uma duas semanas das aulas iniciadas, lembro bem, aula de Geografia com o Pe. Wilson Bertoletti de Araujo, aula depois do almoço. Ao final, o Pe. Wilson disse que então iria fazer pela primeira vez a chamada, já que agora a lista devidamente “dactilografrada” tinha ficado pronta, pois na turma havia um “dactilógrafo”, coisa rara naqueles tempos, que era o Cláudio Coelho. Éramos em quarenta e poucos alunos. Começou a chamada e foi até chegar ao último, e Pe. Bertoletti leu WILSON DE OLIVEIRA **SABÉ**, ao invés de Wilson de Oliveira Salles, como seria o correto. E no mesmo instante o professor achou graça do nome **Sabé** e soltou uma estridente gargalhada, que foi acompanhada imediatamente por uma risadaiada de toda a classe e, a partir daquele instante, começamos a chamá-lo de **SABÉ**. Com certo custo o Pe. Wilson botou ordem na classe. Terminou a chamada e em fila nos dirigimos através do pátio para o refeitório, mas já com o nome **Sabé** sendo indelevelmente batizado para todo o sempre, tanto é que muitos colegas do Ibaté até mesmo nunca souberam de seu nome correto, ou só vieram a sabê-lo depois de muitos e muitos anos.



Desde então formamos uma boa turminha, unida, e fizemos certas travessuras no Ibaté, como virar o Fusca da professora de matemática, comprar o exame de inglês por queijos “devidamente retirados” da dispensa, coisas que em outra oportunidade contarei.

1971 SEMINÁRIO DA PENHA

Onde tínhamos um excelente time de futebol de salão. A droga era que o **Sabé** pegava a bola e queria sair correndo e driblando todo mundo como se fosse futebol de campo. Todo mundo xingava o **Sabé** e o cara não estava nem aí. Começamos fumar. O **Sabé** pouco comprava cigarro, mais filava. Aos sábados à tarde íamos numa pastelaria na Rua Penha de França e ele pedia cerveja e dizia que se a polícia aparecesse não haveria problema, porque ele já era maior de idade...uma figura...

ESTUDANDO NA FACULDADE

Fizemos Filosofia e depois Teologia. **Sabé** sempre mostrou afinidade com estes estudos, até que em julho de 1980, ordenou-se sacerdote na Catedral da Sé, por Dom Paulo Evaristo Arns e foi para o Zona Leste. Tratou de desenvolver várias pastorais, foi formador de seminaristas, professor, Chanceler na Cúria da Diocese de São Miguel





Sabé participando de encontro dos Padres Negros

Paulista e na paróquia Nossa Senhora Aparecida da Ponte Rasa foi pároco por trinta e quatro anos. Teve participação ativa no movimento dos padres negros, que sofrem bem disfarçada discriminação racial, tanto da parte do clero, como de muitos fiéis. Criou e foi construindo aos poucos uma pastoral denominada Diálogo da Juventude que hoje existe há vinte e sete anos. Quando fui à sua missa de corpo presente, muitos paroquianos falavam desta pastoral. Laércio, um deles, contou que foi viciado, bandido e hoje devia sua vida à atenção que o Sabé lhe deu. Outros contam que ele tratava todo mundo igualmente, fazia muita caridade.

Gostava de escrever e compor com os jovens. Na Missa por ocasião de seu Jubileu Sacerdotal, na Igreja da Penha, quem esteve presente há de se lembrar dos cantos durante a celebração que foram compostos por ele, assim como alguns em sua Missa de corpo presente.

CERTA VEZ...

Não me lembro agora o ano, me chamou para trocar ideias sobre sondagem que recebera para participar como entrevistado no programa do JÔ SOARES. Nessa oportunidade percebi claramente a sua visão de Igreja, como comunidade a testemunhar Jesus Cristo através da espiritualidade conscientizadora e participativa, como dizia, ensinamentos aprendidos especialmente na Teologia na década de setenta. Receoso de ser apenas objeto de IBOPE para a TV, declinou do convite.

Em 2010 fomos ao Rio de Janeiro para o casamento do Cláudio Coelho, que foi celebrado por ele. Nessa oportunidade ele me contou de uma picada de cobra que havia levado e que lhe trouxe consequências ruins, apesar do tratamento. Isso ocorreu num encontro dos Padre Negros no Nordeste. Ficou um bom tempo na UTI. Há quatro anos teve um leve AVC e começou de

quando em quando a se atrapalhar ao falar. Teve problemas no coração nos últimos tempos e depois de 3 anos de tratamento o médico acertou a medicação. Infelizmente quando foi submetido ao tratamento de câncer no fígado, a médica retirou totalmente tal remédio e sua situação se complicou. Quando perceberam e retornaram com a medicação já era muito tarde. Além disso, tentaram um tratamento inovador para o fígado, o qual não deu resultado e assim o SABÉ se foi...

Em julho próximo completaria 65 anos. Filho do Sr. Jerônimo e de Dona Maria Aparecida. Tinha um irmão mais velho, o Walter, e também uma irmã de criação.

O Sabé se foi. Não é por isso que virou santo, mas foi parceiro. Foi folgado. Vez ou outra ia em minha casa e minha mãe se oferecia para lhe preparar a janta para ele e ele nunca recusou. O Sabé aquele que toda nossa turma dizia que seguramente não tinha jeito para ser padre, que não seria padre, foi o único da turma de 1967 que se ordenou.

Nos últimos dias, quando cheguei ao hospital e o vi calçando CROCK, perguntei se tinha virado vi..., ao que ele calmamente me mandou tomar no...

Dizem os seus paroquianos que amou a Igreja e a seu modo testemunhou JESUS CRISTO.

E aí, SABÉ, está tudo bem...



Dia 1º de maio no hospital com Marcio Paçoca e Claudio Coelho

(*) Marcio Paçoca, 62 (67/70) fez Filosofia e Teologia. Formado em Direito pela USP (São Francisco), professor universitário, advogado, Juiz do Tribunal Eclesiástico de São Paulo ventomarcio@hotmail.com



Dia 21 de abril de 2018 foi muito comemorado por um grupo de ibateanos que foram gentilmente acolhidos na **Terra Brasilis**, em Mogi das Cruzes, pelo anfitrião **Silvino** e seu irmão **Otto**.

Dia ensolarado, com temperatura amena, muito papo, cerveja gelada, muita música (graças ao **Eustáquio** e seu violão). E sobretudo pelo clima de confraternização e descontração.

Deveria haver o esperado embate entre o Galo de Ouro e o Leão de São Marcos. Acontece que o Galo virou canja e o Leão ia urrar e desanimou, na tradução da famosa frase: **le lion est le roi des animaux**.

Na falta dos heróis, quase todos "eméritos", formaram-se para substituí-los dois escretes com as escalações seguintes:

Pelo Galo de Ouro: Reumatismo, Osteoporose e Cãimbra, Lombardia, Taquicardia, Disretmia, Apnéia, Distensão, Cansaço, Marco-Passo e Flebite.

Pelo Leão de S. Marços: Ciático, Gripe, Pneumonia, Resfriado, Infecção, Inflamação, Bronquite, Diabetes, Tuberculose, Diarreia e Febre Amarela.

Juiz: Antibiótico.

Falando sério: Galo de Ouro e Leão de São Marcos, foram dois galhardos times que impulsionaram a vida esportiva do lbaté e durante muito tempo o espetáculo esperado em nossas competições.

Queremos prestar nossas homenagens a todos os que integraram estes dois valorosos times. E para não cometer erros e omitir nomes, vamos centrar nosso aplauso no grande **Araçá**, sempre à frente, escalando e dividindo os craques e quase sempre vencedor.

Dia de Tiradentes teve até descendentes do nosso herói nacional na festa. O nosso **Eustáquio**, que apresentou fotos antigas para comprovar sua ligação genealógica com o Alferes.

No livro que acusou nossas presenças está a Trova:

**O Silvino nos recebe
neste vinte e um de abril.**

**Só a amizade, concebe,
acolhida tão gentil!**

O QUAM BONUS HABITARE FRATRES IN UNUM.



N.R. = Cantamos, também, os parabéns ao Alfredo que completou 86 aninhos.

Aos anfitriões e aos colegas presentes e suas famílias, e ao nosso Dux **MOSCA** que nos convocou e incentivou, um grande abraço. Não há dúvidas, foi um **DIA ESPECIAL**.

CASO EDIFICANTE

José Lui*



A força das palavras...

Um advogado com 12 filhos não conseguia alugar nova casa para morar, pois, os proprietários sabiam que a criançada destruiria a residência.

Advogado não pode mentir, assim ele não poderia dizer que não tinha filhos...

Desesperado, pois o prazo de sua mudança se esgotava, certa manhã pediu à esposa que fosse passear no cemitério com seus onze filhos.

Pegou o filho que sobrou e foi à imobiliária.

Quando o corretor perguntou-lhe quantos filhos ele tinha, respondeu 12.

- Mas onde estão os outros?!

O advogado respondeu:

- Estão no cemitério junto com a mãe deles...

Alugou a casa sem mentir...

Não é necessário mentir, basta escolher bem as palavras certas!!!

(*) José Lui, 79 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.05.2018	
POSIÇÃO EM 31.03.2018	11.949,70
ENTRADAS	
Contribuições e doações	1.750,00
Juros	100,31
TOTAL ENTRADAS	1.850,31
SAÍDAS	
Diagramação Echus 154	756,00
Despesas Correios	35,30
Despesas Bancárias	57,70
TOTAL SAÍDAS	849,00
SALDO ATUAL 31.05.2018	12.951,01
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.04.2018 a 31.05.2018, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior (in memoriam), Antonio José de Almeida, Antonio Orzari, Carlos Cosso, José Ecio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Justo da Silva, Roberto Lui, Rocco Evangelista, Vicente de Paulo Moraes e Wilson Mosca. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo, Alfredo Barbieri, Antonio Jurandyr Amadi, Attilio Brunacci, Jaime Pina da Silveira, João Aguiar, Joaquim Barbosa de Oliveira, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Marcio Pereira da Silva - Paçoca, Maria de Lourdes Camelo, Sigmar Malvezzi e Valdevino Soares de Oliveira.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail : echus@zipmail.com.br ; echusdoibate@gmail.com
- Blog do Ibaté: www.imate-sp.blogspot.com
- E-mail do Blog do Ibaté: imate.sp@gmail.com
- "Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Twitter Amigos do Ibaté: <http://twitter.com/echusdoibate>
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens: links <http://177.103.223.197/Echusdoibate/>

Diagramação: Conexão Propaganda

